HVMANITAS

[Recensão a] Vegécio, Compêndio da Arte Militar - Tradução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, estudo introdutório, comentários e notas de João Gouveia Monteiro, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira

Autor(es): Dias, Paula Barata

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/27981>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_61_32

Accessed : 26-Apr-2023 12:46:27

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

HVMANITAS

Vol. LXI

Sem prejuízo de algumas repetições inevitáveis e compreensíveis entre os diversos capítulos, o volume revela-se bem organizado, variado e muito útil para uma visão global da temática da viagem enquanto meio de percepção do outro e até do interior do viajante e da vida como viagem.

FRANCISCO DE OLIVEIRA (Universidade de Coimbra)

VEGÉCIO, *Compêndio da Arte Militar*. Tradução de João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, estudo introdutório, comentários e notas de João Gouveia Monteiro, prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, 530 pp. ISBN: 978-989-8074-87-4.

João Gouveia Monteiro, professor do grupo de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é uma reputada autoridade em história militar no panorama académico nacional e internacional, estatuto grangeado por anos de pesquisa e investigação, prática e teórica, dedicada à história militar, particularmente na Idade Média Portuguesa. Sobressai para o grande público, do seu vasto currículo, a coordenação da investigação interdisciplinar no campo da Batalha de Aljubarrota, acessíveis a partir do Centro de Interpretação sediado nas instalações, renovadas e valorizadas, do antigo museu militar de Santa Maria da Vitória, que constitui um modelar exemplo da investigação aplicada à educação e divulgação. Várias publicações, bem acolhidas pelo público, e algumas alvo de prémios nacionais, são prova da consistência da carreira científica deste professor. Reframos, apenas como ilustração deste perfil, *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média : presença, perfil, conservação, vigilância e comando*, Lisboa, 1999; *Aljubarrota 1385 : a batalha real*, Lisboa, 2003; e ainda *Lições de história da Idade Média : sécs. XI-XV*, Coimbra, 2006.

Em colaboração com o latinista José Eduardo Braga, João Gouveia Monteiro apresenta em língua portuguesa o tratado que Vegécio dedicou à ciência militar. É para os seus responsáveis, os tradutores e o autor dos estudos que o acompanham, uma obra que surge no curso natural dos seus interesses, mas que pela sua complexidade merece o aplauso pelo desafio acolhido e aceite.

O volume caracteriza-se por um rigor e uma exigência singulares, o que se justifica logo pelo facto de a tradução portuguesa estar complementada

por peças de investigação que, não sendo frequentes nas traduções portuguesas de autores clássicos, normalmente mais ligeiras, qualificam esta obra como fundamental e imprescindível em qualquer biblioteca de história militar, de história política, e particularmente de história antiga e medieval, quer como sustento bibliográfico mais dirigido, quer para formação pessoal. Comunicador nato, (como bem o demonstrou a dezoito de Março de 2009, numa aula aberta na FLUC, subordinada ao tema “O exército romano: segredos de uma máquina de guerra perfeita”), J. Gouveia Monteiro consegue, com este volume, com inegáveis qualidades didácticas e de divulgação que não comprometem a solidez da informação, presentear o público de língua portuguesa com a possibilidade de aceder a uma das mais interessantes e das mais perviventes obras da literatura técnica latina, área da produção literária antiga por vezes descurada.

Um largo estudo introdutório (pp. 15-170) enceta os trabalhos, dividido em duas grandes unidades temáticas: na primeira, num ensaio consistente, são sistematizadas as questões relativas ao exército romano do ponto de vista histórico (cap. I): fontes para o seu estudo (p. 15); configuração geral do exército romano nos seus primórdios (p. 23); características dos vários modelos de máquina militar; importância da organização militar augustana – guarnição de Roma, exército das províncias, marinha, (p. 29-36); a vida típica de um soldado romano até à sua desmobilização, desde o recrutamento, treino, condição social e jurídica dos mobilizados (p. 37-45) e, finalmente, evolução do exército imperial pós-augustano. A segunda, de interesse mais filológico e literário, é dedicada ao autor, Flávio Vegécio Renato, e sua obra *Epitoma Rei Militaris*, (cap. II, p. 87-131). O A. apresenta as fontes conhecidas e utilizadas por Vegécio, o método de trabalho e os objectivos visados pelo tratadista (pp. 87-107). Segue-se a apresentação da história do texto ao longo dos séculos, sua tradição manuscrita, com particular destaque para a sua pervivência: traduções, bibliotecas que o acolheram, leitores que o cultivaram e o adaptaram. Neste ponto, sobressai a recepção de Vegécio na Península Ibérica, em versão original mas, sobretudo, a partir de traduções em vernáculo. Assim, capítulos, citações ou partes mais ou menos estruturadas da obra integravam tratados medievais de forte sentido didáctico, destinados à instrução e elevação da aristocracia política e guerreira da Península Ibérica, num momento em que esta não concluíra a empresa da Reconquista. O A. dedica as últimas páginas da sua introdução ao estudo da profundidade da recepção de Vegécio na corte portuguesa de Avis (p. 135-147). Atenção particular, neste contexto, merece

a recepção da obra pelo Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, apontado pelo cronista Rui de Pina, na sua descrição da cultura do Príncipe das sete partidas, como autor de uma tradução para português deste tratado. O A. procede a uma análise minuciosa do contexto histórico que teria rodeado esta empresa, hoje desaparecida.

As circunstâncias que permitiram reproduzir no volume a edição latina mais recente, da autoria de Michael Reeve (saída em 2004 na Oxford University Press), surgem explicadas numa parte III (pp. 149-152). Optar pela edição bilingue foi uma boa decisão, dado tratar-se de uma edição ambiciosa.

Segue-se, na parte IV, as “Notas ao estudo introdutório” (pp. 153-170), anotações de rodapé que talvez merecessem melhor enquadramento na obra, pensando na comodidade do leitor: ainda que vigorasse a opção por colocar as notas no fim da introdução e não na mais comum fim de página, entende-se mal que neste conjunto, introdução e notas, seja intercalada a parte III, a qual faria mais sentido anteceder imediatamente a edição e tradução propriamente dita (pp. 171-381). Também nesta parte, o coração da obra, as notas à tradução portuguesa surgem deslocadas para o fim da tradução (Notas da tradução, pp. 383-487), critério nesta circunstância mais defensável. De facto, a extensão do corpo das notas, se inserido na página da tradução portuguesa, tornaria difícil, ou pelo menos inestético, o acompanhar do texto latino na página par, particularmente quando este não se faz acompanhar pelo aparato crítico presente na edição crítica de referência.

Seguem-se os “Anexos” (cuja presença o autor tem a delicadeza de justificar em breves “Notas dos Anexos” (p. 531) que enriquecem sobremaneira a edição: o primeiro, um índice temático de carácter exaustivo, deixa transparecer não só a abundância de assuntos presentes na obra de Vegécio, bem como o erro primário de restringir esta obra à sua imediata tipologia de tratado de técnica militar. O A. elenca os termos portugueses presentes na tradução que considera relevantes para o estudo da globalidade de aspectos que influenciavam a vida militar (ex. “Alimentação e saúde”, para além dos mais óbvios “armamento”; “cerco” ou “treino militar”). Estão aqui elencadas também as batalhas, os chefes militares, os lugares, os autores literários. Este índice torna-se, assim, uma preciosa chave para uma leitura que pretenda um olhar mais especializado sobre um assunto preciso.

Por fim, uma Tábua Cronológica (pp.517-523) ordena os episódios relevantes da história política e militar de Roma, com particular relevo, como será natural, para as principais batalhas travadas, muitas delas, aliás,

assunto do tratadista romano; e uma Bibliografia das edições e dos estudos relevantes para a temática e utilizadas pelo A.

Depois de termos apresentado o volume, procederemos a breves comentários, numa primeira parte, dedicados à obra de Vegécio agora disponível em edição bilingue latim-português, e, por fim dedicados à qualidade do trabalho do A.

O *Epitoma Rei Militaris* é uma obra notável em múltiplas instâncias. Destaque-se, do ponto de vista de um leitor interessado pela área dos Estudos da Antiguidade Clássica, em primeiro lugar, o valor documental da obra, que permite acesso a múltiplos aspectos da vida romana que não é fácil de encontrar nas fontes ditas “mais literárias”. O vocabulário técnico específico, a descrição da organização do trabalho quotidiano de um soldado romano são características que permitem, quando conjugadas com outras fontes, uma ilustração enriquecida do que seria uma das dimensões mais importantes do Império Romano. Acresce ainda, como nota de valor para a obra de Vegécio, a focalização e a intencionalidade por si próprio assumidas: a obra tem como destinatário directo o imperador romano com o propósito de reunir a sabedoria romana acerca das técnicas guerreiras, isto é, recolher das lições e os testemunhos dos autores antigos que justificaram os sucessos militares romanos que justificaram a expansão pela maior parte do mundo conhecido de então. O imperador em causa é, provavelmente, o imperador Teodósio I (379-395), conforme defende o A. (p. 95-96). Fergus Millar, numa obra cujo âmbito histórico de análise é ligeiramente posterior aos interesse imediato de J. Gouveia Monteiro (*A Greek Roman Empire, Power and Belief under Theodosius II* (408-450), London, 2006), fornece argumentos que validam a identificação do destinatário da obra de Vegécio com o Imperador Teodósio I: em primeiro lugar, a cultura pós-constantiniana de renovação e refundação do Estado romano, sobre os pilares ideológicos e espirituais do cristianismo. Em segundo lugar, a proeminência do imperador do Oriente, sediado em Constantinopla, sobre o seu par ocidental, realidade que foi assumida a partir de Constantino e que os seus sucessores consolidaram em vários aspectos práticos, torna coerente a eleição de Teodósio I como destinatário, afinal o máximo responsável, que tinha ao seu dispor o maior aparato militar.

Há um diálogo de Vegécio com os autores anteriores a si próprio que se dedicaram à temática militar (o A. elenca-os no seu estudo introdutório, p. 99 (Catão o Antigo, Cornélio Celso, Frontino, Tarutieno Paterno, e as constituições imperiais de Octávio Augusto, Trajano e Adriano). Trata-se

de um aspecto muito interessante, e típico dos autores do Baixo Império e da Antiguidade Tardia, que é o de se colocarem a observar o mundo antigo como um mundo passado, dotado de espessura cronológica, perspectiva que raramente se encontra reconhecida e estudada nos estudos sobre o mundo antigo. Este passado é assumido como produtor de modelos, e até fonte de renovação, para um presente dramático, sentido como crítico, compreensão que é fundamental para compreender o período final do domínio romano e a Antiguidade Tardia. A obra de Vegécio dá por isso conta de um mundo romano institucionalmente cristianizado, e por isso as tropas saúdam Deus e o imperador (cf. p. 221), cuja disciplina militar necessita de ser restaurada face aos desafios e instabilidade característica deste séc. IV. Vegécio está descontente com a decadência militar do seu tempo. Por isso, enfatiza o valor da *probatio* (selecção) para alcançar um bom nível de efectivos recrutados (p. 241. Devem, por exemplo, saber ler e escrever p. 239); a importância do treino assíduo; particularmente das actividades que envolvem a solidez de uma infantaria, como a marcha e a corrida; da logística; da construção de acampamentos permanentes, em detrimento de práticas que, no seu entender, tinham desqualificado a máquina de guerra romana: a multiplicação dos *auxilarii*, os modos de recrutamento pouco selectivos, a desvalorização da infantaria em detrimento da cavalaria, fórmulas que constituíam uma “barbarização” do modelo militar romano.

Acrescente-se ainda uma chamada de atenção para o facto de Vegécio ter sido sensível a algo que tomaríamos como fruto de uma reflexão da teoria estratégica moderna, que é o da importância dos factores psicológicos na guerra (p. 263, p. 291, p. 295).

Justificam-se, portanto, todos os motivos para tomar este volume como porta de acesso para um autor fundamental para perceber o mundo romano tardio.

O trabalho dos A. é, em todos os aspectos, de grande mérito. O original latino apresenta complexidades próprias, não só da linguagem técnica e especificidades da terminologia (aspecto perfeitamente torneado pelos A.), mas também pelo encadeamento sintáctico, que, fruto do género literário mas também da evolução da língua latina, já não tem a clareza e o equilíbrio ciceroniano, alongando-se em períodos de dura destriça. Isso explicará alguns aspectos menos claros na tradução, que apontaríamos: final de cap. XX, p. 202 “Na verdade é forçoso que aquele que, com a cabeça e peito protegidos (*munito capite uel pectore*) não receia ser ferido, sinta uma

coragem redobrada no combate” talvez ganhasse em clareza com uma reordenação das orações “na verdade, forçoso é que quem não teme o ferimento, por ter cabeça e peito protegidos, sinta uma coragem mais redobrada de combater”; l. II, VIII, p. 228 “a senha para as guardas nocturnas ou para a marcha era requerida a ele” sugerimos “a senha para as guardas ou para a marcha era por ele fornecida (*ab eodem petebatur*); l. III, prol., p. 254 *mediocritatem meam abbreviari iussisti* teria talvez melhor correspondente em “ordenaste à minha humilde pessoa que resumisse” do que (sic “...ordenaste à minha mediocridade”); l. III, X, p. 289 *Ad transitus fluuiorum, ad praecipitia montium, ad siluarum angustias, ad paludum aut uiarum difficultatem superuentus nullo sciente disponat...*” penso que corresponderá mais a “o general deverá tirar partido das passagens dos rios, dos declives dos montes, da densidade dos bosques, dos pântanos e dos caminhos tortuosos para montar emboscadas...”, o que permite acen-tuar que os acidentes de terreno constituem pontos de emboscada imprevisíveis para inimigos que vagueiam desorganizados.

Pensamos também que convirá evitar, por se tornar um pouco anacrónica (apesar de a ficção republicana ter perdurado no período imperial), a tradução da expressão “*Res Publica*” como “República”, (ex. p. 219, 221), por o termo em português estar demasiado conotado com um tipo específico de regime político algo que ocorre nas primeiras ocorrências do termo, mas que surge mais adequadamente traduzido por “Estado”.

PAULA BARATA DIAS (Universidade de Coimbra)